



(Foto: Arquivo. Reprodução)

A Revista Ciência & Cultura acompanhou as transformações científicas e culturais do país.

Ciência & Cultura no Brasil, uma jornada de 75 anos

* Ruben George Oliven

Em 1948, foi criada a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), graças à iniciativa de pesquisadores que se deram conta da importância da pesquisa para o Brasil. Sem essa associação científica é impossível pensar o desenvolvimento da ciência brasileira. O mesmo pode ser dito a respeito da criação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), duas agências de fomento criadas em 1951.

Quando comparamos o Brasil do final da década de 1940 com o da atualidade, as diferenças são marcantes. Para citar alguns indicadores demográficos: naquela época, o país tinha em torno de 50 milhões de habitantes, atualmente somos mais de 200 milhões; apenas

um terço da população vivia em situação urbana, atualmente esta proporção é de mais de 85%; a taxa de fecundidade (número de filhos por mulheres em idade fértil) era em torno de 6, atualmente ela é 1,7; mais de 50% da população tinha menos de 18 anos de idade, atualmente essa porcentagem caiu para aproximadamente 25%; a expectativa de vida era de 46,8 anos, atualmente ela é de 77,5 anos; o número de estudantes

universitários era menos de 100.000, atualmente ele é de mais de 9.000.000.

O final da Segunda Guerra Mundial marcou um período crucial no Brasil. O país estava se urbanizando, um terço da população vivendo em cidades e a manufatura já sendo responsável por 20% do Produto Interno Bruto (PIB). Isso se acentuou na década de 1950, quando começamos a perder nossa “vocação agrária” e buscava-se industrializar e modernizar o país. A segunda metade da década de 1950 foi marcada pela ideologia desenvolvimentista. Nesse período, um novo processo de industrializa o teve lugar com a produ o de automóveis e outros bens duráveis. Brasília, a nova capital construída em cinco anos, estabeleceu a arquitetura brasileira como um ícone de nossa modernidade.

Desde aquela época, esse processo se acentuou e, atualmente, a maior parte dos produtos manufaturados que

consumimos são produzidos no país, vários deles sendo inclusive exportados. Entre esses produtos, estão os bens simbólicos, como as telenovelas, can es e filmes. Possuímos uma sólida rede de transportes e um eficiente sistema de comunica o, e o nível técnico das redes de comunica o de massa   comparável aos países mais adiantados. O Brasil tem usinas nucleares, plataformas marítimas de extra o de petróleo, produz aviões e faz transplantes cardíacos.

Nos últimos 75 anos, o Brasil se tornou um país mais industrializado, moderno e complexo. Ao mesmo tempo, temos uma sociedade extremamente desigual com um dos piores índices de distribu o de renda do mundo e uma série de problemas sociais que afligem principalmente os mais pobres. O Brasil passou por um processo de desenvolvimento desigual e combinado, criando um quadro em que há, simultaneamente,

“Nos últimos 75 anos o Brasil se tornou um país mais industrializado, moderno e complexo.

Ao mesmo tempo, temos uma sociedade extremamente desigual com um dos piores índices de distribu o de renda do mundo e uma série de problemas sociais que afligem principalmente os mais pobres.”

uma miséria extrema e elementos de progresso técnico e de modernidade. Nossos cientistas e suas associa es são constantemente convocados a opinar e apresentar solu es sobre esse quadro contraditório.

O Brasil passou por uma revolu o não são demográfica e econ mica, mas também científica, tecnológica e cultural. Temos 2.595 institui es de ensino superior, das quais aproximadamente 200 são universidades. Contamos com uma pujante comunidade científica atuante em todas as áreas do conhecimento. A cultura também passou por grandes transforma es. No final da década de 1940, ainda não havia transmissões televis as e o rádio era o principal meio de comunica o de massa. Em termos musicais, ele transmitia principalmente o samba, que era o g nero hegemônico. Hoje em dia, o mercado musical se segmentou e há uma profusão de g neros: música sertaneja, funk, hip hop, rock etc. No final da década de 1940, ainda não havia a televisão no Brasil, que iniciou suas transmissões nos



(Foto: Acervo NPD/FAU/ETU. Reprodu o)

Figura 1. A Universidade do Rio de Janeiro foi a primeira universidade do Brasil, criada em 1920. Hoje, temos 2.595 institui es de ensino superior, das quais aproximadamente 200 são universidades.

anos 1950 até praticamente se universalizar e se tornar o meio de comunicação de massa hegemônico.

Como o analfabetismo era alto, lia-se pouco. Para votar, era preciso ser alfabetizado e, portanto, boa parte da população era excluída desse direito que é um indicador de cidadania. O analfabetismo caiu, mas hoje em dia temos a exclusão digital, que faz com que boa parte de nossa população não tenha acesso pleno à internet.

Nos anos 1940, havia grande efervescência cultural. O contato mais intenso com os Estados Unidos, que durante a guerra inauguraram a “Política de Boa Vizinhança”, significou que muitos produtos da indústria cultural norte-americana começaram a ser mais consumidos no Brasil, entre eles o cinema de Hollywood e a música norte-americana. Isso criou também uma maior interação artística entre o Brasil e aquele país, da qual a ida de Carmen Miranda para Hollywood, nas décadas de 1940 e 1950, e a Bossa Nova, no final da década de 1950, são

exemplos da circulação cultural no âmbito da música.

A partir dessa época, o debate sobre o nacional e o estrangeiro adquiriu uma importância crescente. Assim, entre 1945 e 1964, a questão nacional foi debatida intensamente. Participam ativamente desse debate o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e o Centro Popular de Cultura (CPC), movimento ligado à União Nacional de Estudantes (UNE).

A partir de 1964, com a tomada do poder pelos militares, houve uma crescente centralização política, econômica e administrativa, por meio da integração do mercado nacional, da implantação de redes de estradas, de telefonia, de comunicação de massa. Nesse período, o debate sobre o nacional e o regional continuou, mas foi colocado em novos termos. O Estado avocou a si o papel de ser o criador e o bastião da identidade nacional, responsável por promover o progresso.

Com a luta pela redemocratização do país e

“Somos uma sociedade com uma grande diversidade cultural, racial, étnica e religiosa. Cabe aos nossos cientistas contribuir para o conhecimento dessa riqueza.”

com o processo de abertura política que marcaram o fim do ciclo militar, a cultura passa a ganhar novamente maior visibilidade no Brasil. Houve um intenso processo de constituição de novos atores sociais e a construção de novas identidades sociais.

O que se verifica hoje em termos culturais é um país de grande complexidade com múltiplos atores. A cultura brasileira pode ser apreciada por meio das mais diversas manifestações em toda sua complexidade: no folclore e na cultura popular, na música, na literatura, nas artes plásticas etc.

Com a globalização, ficou mais difícil decidir o que é nacional ou não. Atualmente, temos religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Batuque se disseminando em países vizinhos como o Uruguai e a Argentina e a presença da Igreja Universal do Reino de Deus, criada em 1977, em 143 países. Músicos brasileiros produzem canções rock, gênero criado nos Estados Unidos, que falam frequentemente sobre o Brasil, sem que ninguém questione sua brasilidade. Para tornar as coisas mais complexas, a banda Sepultura compôs músicas em inglês que fizeram sucesso nos Estados Unidos e na Europa. Esse grupo lançou um disco chamado *Roots*. Para buscar



(Foto: Arquivo. Reprodução)

Figura 2. Primeira transmissão de TV no Brasil foi feita em 1950, para apenas 200 aparelhos. Hoje são mais de 100 milhões no país.

suas raízes, eles se embrenharam numa aldeia xavante, no estado do Mato Grosso.

Durante a fase populista de nossa história, o que vinha de fora era frequentemente visto como impuro e, portanto, perigoso. Assim, a Coca-Cola e o cinema de Hollywood eram muitas vezes satanizadas como exemplos de imperialismo cultural norte-americano, ao passo que o samba e o Cinema Novo eram vistos como exemplos do que havia de mais autenticamente nacional. Hoje a situação está mais complexa: o logotipo da Coca-Cola está nas camisetas de nossos principais

time de futebol e Sting, roqueiro inglês, se dizia um defensor dos indígenas do Brasil. "A Grande Arte", filme feito por um brasileiro, apesar de rodado no Brasil, é falado em inglês. "O Quatrilho", ao contrário da tradição do Cinema Novo, não escolheu a figura do nordestino, mas a do colono italiano do Sul do país para retratar o Brasil. O filme foi estrelado por artistas da Rede Globo. Essa rede exporta suas telenovelas, *made in Brazil*, para países como, por exemplo, Portugal e China.

Comparado com o ano de 1948, nosso país se tornou muito mais complexo, com uma

gama de atores e identidades sociais, e fenômenos que não existiam naquela época. Trata-se de um país, ao mesmo tempo, moderno e atrasado. Somos uma sociedade com uma grande diversidade cultural, racial, étnica e religiosa. Cabe aos nossos cientistas contribuir para o conhecimento dessa riqueza.

*** Ruben George Oliven é professor titular do programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e vice-presidente (Região Sul) da Academia Brasileira de Ciências (ABC).**